



You are free: to copy, distribute and transmit the work; to adapt the work.
You must attribute the work in the manner specified by the author or licensor

PERCEPÇÃO DOS MORADORES A RESPEITO DAS ESPÉCIES TÓXICAS EXISTENTES NA PRAÇA DA BÍBLIA EM TANGARÁ DA SERRA-MT.

Graciele Neves¹; Marcilene Lemes¹; Leowilza T. Souza Fay¹;
Paula Alexandra S. Silva Nunes²; Rogério B. da Silva Añez³; Josué Ribeiro da Silva Nunes⁴

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo verificar o conhecimento da população tangaraense sobre plantas tóxicas em geral e em especial as existentes na Praça da Bíblia em Tangará da Serra - MT. Foram entrevistadas vinte pessoas, sendo utilizados questionários semiestruturados compostos por dez questões. Dos entrevistados 40% eram do sexo masculino e 60% feminino. A idade dos entrevistados variou entre 7 a 67 anos para homens, e entre 16 a 60 anos para mulheres. A escolaridade variou do Ensino Fundamental Incompleto (25%) ao Ensino Superior Completo (5%), sendo que nenhum entrevistado declarou-se como não alfabetizado. Os entrevistados eram 40% do estado de Mato Grosso (dos quais 25% nasceram em Tangará da Serra), 20% de São Paulo, 10% do Paraná, 5% do Espírito Santo, 5% de Alagoas, 5% do Rio Grande do Sul, 5% de Minas Gerais, 5% do Mato Grosso do Sul e 5% do Chile. Com relação ao tempo em que os entrevistados habitavam na cidade obteve-se: 25% nasceram na cidade residindo na mesma a vida toda, 30% de um mês a cinco anos, 10% de 6 a 10 anos, 10% de 11 a 20 anos, 10% de 21 a 30 anos e 15% de 31 a 40 anos. As plantas tóxicas mais conhecidas e citadas foram Comigo-ninguém-pode (50%), Espada de São Jorge (15%), Chifre de veado (5%), Tiririca (5%), Pinhão Roxo (5%), Samambaia (5%), Orquídea (5%), Guiné (5%) e Véu de noiva (5%). Quando indagados se poderiam indicar alguma planta tóxica no local, apenas 5% dos entrevistados disseram que sim, indicando a folhagem amarela e verde como tóxica sendo que de fato esta era tóxica. Por fim, 20% disseram não haverem plantas tóxicas na praça, ainda que houvesse, e 75% disseram que não saberiam apontar por não conhecerem as espécies presentes na praça.

Palavras-chave: plantas tóxicas; praças; Tangara da Serra - MT.

ABSTRACT

The purpose of this research was to verify the knowledge of Tangara citizens about toxic plants in a general sense and specially about those existing in the "Praça da Bíblia" in Tangará da Serra downtown. Twenty people were interviewed with semi-structured questionnaires consisting of ten questions. Of these, 40% were male and 60% female. The ages of the interviewees ranged from 7-67 for men and from 16-60 for women. Education level varied from incomplete elementary school (25%) to superior level (5%), no one declared to be not alphabetized. The origin of the interviewees were 40% from the state of Mato Grosso (25% of these were born in Tangara da Serra), 20% from São Paulo, 10% from Paraná, 5% from Espírito Santo, 5% from Alagoas, 5% from Rio Grande do Sul, 5% from Minas Gerais, 5% from Mato Grosso do Sul and 5% from Chile. Regarding the time the interviewees lived in the city, 25% were born in the city living there for their whole life, 30% from one month to five years, 10% from 6 to 10 years, 10% from 11 to 20 Years, 10% from 21 to 30 years and 15% from 31 to 40 years. The most known and cited toxic plants were Comigo-ninguém-pode (50%), Espada de São Jorge (15%), Chifre-de-veado (5%), Tiririca (5%), Pinhão Roxo (5%), Samambaia (5%), Orquídea (5%), Guiné (5%) and Véu-de-noiva (5%). When asked if they could indicate a toxic plant on the square, only 5% of respondents said yes, indicating the yellow and green foliage, which was in truth a poison plant. Finally, 20% said that there were no toxic plants in the square, even though there were, and 75% did not know the species occurring in the square.

Key-words: toxic plants; square; Tangará da Serra - MT.

¹Graduada em Ciências Biológicas pela UNEMAT – Tangará da Serra.

²Graduada em Geografia pela UFMT – Cuiabá; Professora da Rede Pública de Ensino em Tangará da Serra.

³Doutor em Botânica pelo INPA, Professor Efetivo da área de Botânica da UNEMAT – Tangará da Serra;

⁴Doutor em Ecologia pela UFSCar, Professor efetivo da área de Ecologia da UNEMAT – Tangará da Serra.

1. INTRODUÇÃO

As praças são espaços urbanizados abertos que funcionam como ponto de encontro cuja principal função é de incentivar a socialização e o lazer (LIMA, 1993), devem ser acessíveis, estar relacionadas com saúde, recreação ativa e passiva e proporcionar interação das atividades humanas com o meio ambiente (GEISER *et al.*, 1976). Kampf (2000) destaca que, a vegetação de lugares como praças, ruas e outros espaços, promovem melhorias na qualidade do ambiente em que se vive, tanto no aspecto visual como na diferença de formas, cores e tamanhos, ou no aspecto de bem estar como sombra e a sensação de vivacidade dos ambientes.

As plantas tóxicas, muitas das quais são ornamentais, podem ser encontradas em: jardins, parques, praças, e terrenos baldios, em forma silvestre ou cultivar. Os grupos das plantas medicinais e tóxicas ocasionalmente são consumidos indistintamente, já que se tem o pressuposto de conterem princípios ativos, que dependendo da dose, podem ser benéficos ou tóxicos para o organismo (SILVA *et al.*, 2009).

No Brasil a cada dez casos de intoxicação por plantas, seis possuem o envolvimento de crianças menores de nove anos, geralmente acontecem com plantas cultivadas em vasos dentro das residências. As intoxicações entre os adultos também

são freqüentes, sendo causadas, principalmente, pelo uso inadequado de plantas medicinais, plantas alucinógenas e abortivas. (GRETTER; NUNES, 2011; FIOCRUZ / CICT / SINITOX, 2002).

A maior parte dos fitoterápicos que são utilizados atualmente por automedicação não tem seu perfil tóxico bem conhecido (CAPASSO *et al.*, 2000; VEIGA-JUNIOR, 2008). Para Pinillos *et al.* (2003), a cultura e a desinformação da população, além da quantidade ingerida pelo acidentado são fatores que dificultam o diagnóstico e o tratamento em casos de envenenamento por plantas tóxicas.

Diante deste contexto, o objetivo desta pesquisa foi verificar o conhecimento da população tangaraense sobre plantas tóxicas em geral e plantas tóxicas encontradas na Praça da Bíblia localizada na região central da cidade de Tangará da Serra - MT.

MATERIAL E METODOS

A pesquisa foi realizada na Praça da Bíblia situada a 14°37'17.68"S e 57°29'26.76" O, na Avenida Brasil, centro da cidade de Tangará da Serra, município localizado a sudoeste do Estado de Mato Grosso, com altitude média de 452 metros 14°37'53.27"S e 57°28'15.21" O. Este município possui uma área total de 11.423,04 km². O clima de Tangará da

Serra é do tipo tropical de Monção; sua vegetação é composta de 55% de matas de

transição, e o restante, de cerrados e campos, Figura 01.

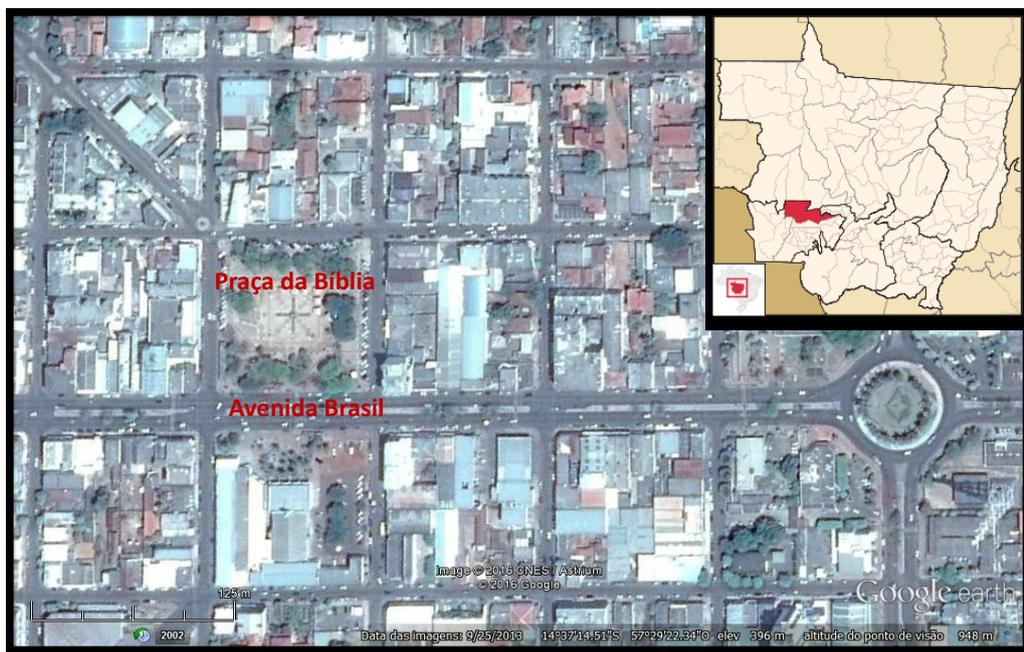


Figura 01: Localização da área de estudo na Praça da Bíblia no município de Tangará da Serra – MT.

Foram escolhidas, aleatoriamente, vinte pessoas que transitavam pela praça. As entrevistas, foram realizadas no período vespertino no dia 16 de junho de 2010, foi utilizado questionário semiestruturado composto por dez questões, de caráter socioeconômico (idade, escolaridade, origem, etc.), questionando sobre as plantas tóxicas conhecidas, seus malefícios à saúde e indicação de alguma espécie nociva encontrada na Praça da Bíblia.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram entrevistadas vinte pessoas que passavam pela praça ou estavam aguardando ônibus. Deste total, oito (40%) eram do sexo masculino e 12 (60%) do

sexo feminino. Os entrevistados apresentaram uma ampla faixa de idades indo de 17 a 67 anos para homens, enquanto as mulheres atingiram um intervalo de 16 a 60 anos de acordo com a Figura 2.

A escolaridade dos entrevistados variou de pessoas com o Ensino Fundamental Incompleto (5) até pessoas com o Ensino Superior Completo (1), não apresentando nenhum não alfabetizado. A categoria Ensino Médio Completo foi a que registrou o maior número de entrevistados somando seis pessoas (Figura 3).

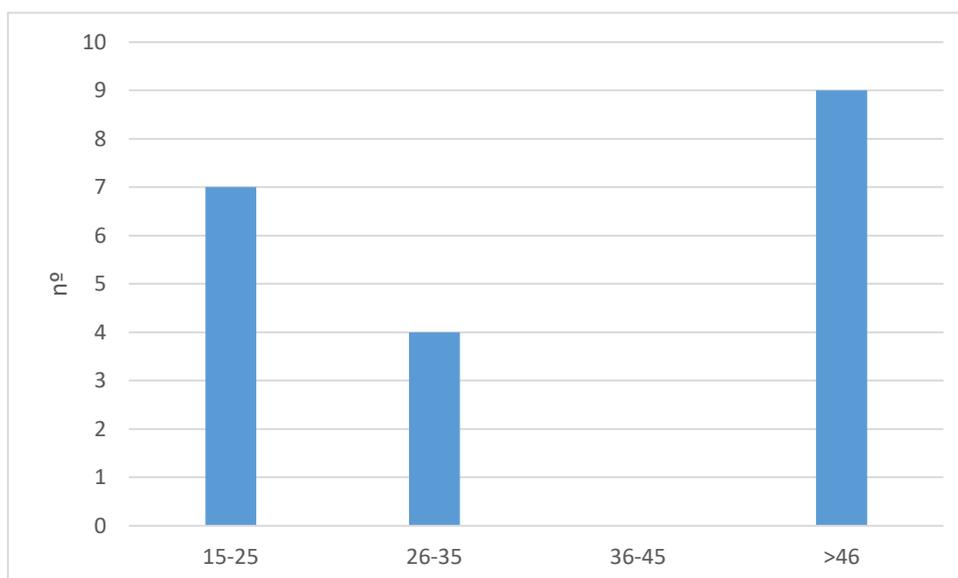


Figura 2: Intervalo de idade dos entrevistados na Praça da Bíblia, região central do município de Tangará da Serra – MT.

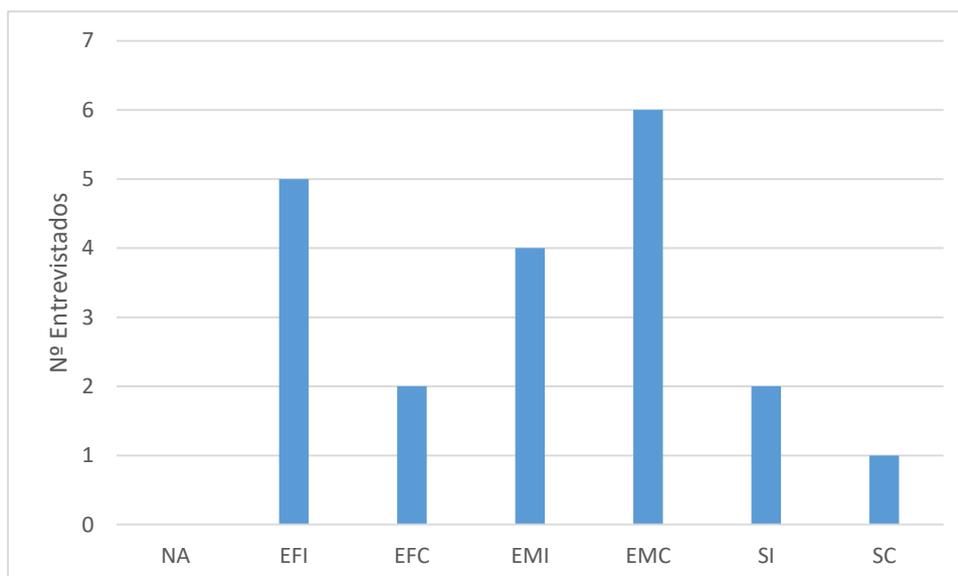


Figura 3: Escolaridade dos entrevistados na Praça da Bíblia, região central do município de Tangará da Serra – MT; NA: Não Alfabetizado; EFI: Ensino Fundamental Incompleto; EFC: Ensino Fundamental completo; EMI: Ensino Médio Incompleto; EMC: Ensino Médio Completo; SI: Superior Incompleto; SC: Superior Completo.

Houve variação quando os entrevistados foram questionados quanto ao estado de origem, sendo que dos 20 informantes 40% eram do estado de Mato Grosso, destes 25% nasceram em Tangará

da Serra, 20% eram de São Paulo, 10% do Paraná, 5% do Espírito Santo, 5% de Alagoas, 5% do Rio Grande do Sul, 5% de Minas Gerais, 5% do Mato Grosso do Sul e 5% do Chile.

Quanto ao tempo de moradia em Tangará da Serra 25% nasceram na cidade, 30% residiam de um mês a cinco anos, 10% de 6 a 10 anos, 10% de 11 a 20 anos, 10% de 21 a 30 anos e 15% de 31 a 40 anos.

Com relação às espécies tóxicas conhecidas pelos entrevistados a mais citada foi Comigo-ninguém-pode (50%), resultado este superior ao encontrado por Vasconcelos, Vieira e Viera (2009), para a mesma espécie, que foi citada por 25% dos entrevistados. Espada de São Jorge foi citada por 15%, Chifre-de-viado por 5%, Tiririca por 5% e Pinhão Roxo por 5%. Segundo o Centro de Informações Tóxicas de Belém (CIT-PA), no período de março de 1998 a janeiro de 2006, foram registrados 8.650 casos de envenenamentos por diversas etiologias, destes 165 (1,9%) foram ocasionados por plantas destas espécies.

Quanto às outras espécies foram também citadas Samambaia (5%), Orquídea (5%), Guiné (5%) e Véu de noiva (5%) e apenas 5% não lembravam o nome de alguma espécie tóxica. Dos entrevistados 25% disseram não conhecer nenhuma espécie de planta tóxica.

Os entrevistados enumeraram corretamente os danos que as plantas tóxicas causam a saúde, sendo que a espécie *Dieffenbachia picta* Schott (Comigo-ninguém-pode) pode causar

coceira, queimação, inchaço, intoxicação, náuseas, ânsia de vômito podendo levar a morte.

A espécie *Sansevieria trifasciata* (Espada de São Jorge) causa queimação, intoxicação, náuseas e ânsia de vômito. No trabalho de Winters (2000), cita-se que sua ingestão causa irritação na boca, obstrução da garganta e glote além de dermatites. Quanto às outras espécies sabe-se que o *Platyterium bifurcatum* (Cav.) C.Chr. (Chifre-de-viado) possui um "leite que pode cegar", o *Cyperus rotundos* (Tiririca) "machuca a pele"; o *Jatropha bifurcatum* (Pinhão-roxo) causa queimação, as espécies da família Polypodiaceae (Samambaia) e Orchidaceae (Orquídea) causam dor de cabeça e diarreia e a *Gibasis schiedeana* (Véu de noiva) provoca alterações psíquicas e físicas, agindo como uma droga.

Quando indagados se poderiam indicar alguma planta tóxica no local, apenas 5% dos entrevistados disseram que sim e apontaram a folhagem amarela e verde como tóxica. Na pesquisa de Vasconcelos e Mendes (1998), foi identificado que 20% das espécies de plantas ornamentais das vias públicas da cidade de Belém/PA apresentam potencial tóxico.

Dos entrevistados 20% disseram que não haviam plantas tóxicas na praça, e 75% falaram que não saberiam indicar por

não conhecerem as espécies daquele local. Estes valores são superiores quando contrastados com o trabalho de Vasconcelos, Viera e Vieira (2009), no qual somente 25,5% alegaram não conhecer nenhuma planta com potencial tóxico. Graziano (1994) ressalta que as espécies utilizadas em ornamentação devem ser desprovidas de princípios tóxicos ou elementos suscetíveis de provocar reações alérgicas nas pessoas.

CONCLUSÃO

Embora muitos dos entrevistados sejam nativos do próprio município, a maioria desconhece a presença de espécies tóxicas usadas na arborização da Praça da Bíblia.

A maioria dos entrevistados desconhecia o real perigo das plantas tóxicas, ainda que alguns soubessem de alguns efeitos colaterais, mas somente de se ouvir falar.

Faz-se necessário um trabalho de sensibilização, através da Educação Ambiental, para tentar diminuir os incidentes com plantas tóxicas na região.

REFERÊNCIAS

CAPASSO, R.; IZZO, A. A.; PINTO, L.; BIFULCO, T.; VITOBELLO, C.; MASCOLO, N. Phytotherapy and quality of herbal medicines. **Fitoterapia** n. 71, p. 58-65, 2000. FIOCRUZ / CICT / SINITOX, 2002. FUNDAÇÃO OSWALDO

CRUZ/CENTRO DE INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA/SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES TÓXICO-FARMACOLÓGICAS.

Estatística Anual de Casos de Intoxicação e Envenenamento. Brasil, 2000. Rio de Janeiro, p.19-38. 2002.

GEISER, R. R.; OLIVEIRA, M. C. de; BRUCK, E. C.; SANTOS, J. B. dos. 1976. **Implantação de áreas verdes em grandes cidades.** São Paulo: Escola Paulista de Arte e Decoração.

GRAZIANO, T. T. **Arborização de ruas.** Departamento de Horticultura - FCAVJ – UNESP. Notas de Aula, 1994.

GRETTER, C. J.; NUNES, J. R. S. Ocorrência de intoxicações por plantas tóxicas no Brasil, **Revista Engenharia Ambiental: pesquisa e tecnologia**, v. 8, n. 1, p.079-100, 2011.

KAMPF, A. N.; COSTA, G. J. C. **Produção comercial de plantas ornamentais.** Guaíba: Agropecuária, 2000. 254p.

LIMA, A. M. L. P. Análise da arborização viária na área central e em seu entorno. 1993. **Tese** (Doutorado em Fitotecnia) – Escola Superior de Agronomia “Luiz de Queiroz”, Piracicaba. 238 p. 1993.

PINILLOS, M. A.; GÓMEZ, J.; ELIZALDE, J.; DUENAS, A. Intoxicacion por alimentos, plantas y setas. **Anales Sin San Navarra.** v.26, n.1, p 243-263. 2003.

SILVA, S. A.; RIBEIRO, S.G.; BENDER, A. E. N.; TIMM, F. C.; GARCAS, G. L. G.; ROTH, M. M.G. Estudo da atividade mutagênica das plantas, *Euphorbia milii* Des Moulins e *Ricinus communis* L através do teste de *Allium cepa*. **Revista**

- Brasileira de Farmacognosia.**
n.19, v2, p. 418-422, Abr./Jun.
2009.
- VASCONCELOS, J. C. G.; MENDES, A.
M. C. M. Levantamento das
plantas ornamentais das praças
públicas de Belém/PA. 50f.
Monografia (Bacharelado
Ciências Biológicas).
Universidade Federal do Pará,
Belém. 1998.
- VASCONCELOS, J.; VIEIRA, P. G. J.;
VIEIRA, P. P. E. Plantas Tóxicas:
Conhecer para Prevenir. **Revista**
Científica da UFPA, v. 7, n.1,
2009.
- VEIGA-JUNIOR, V. F. Estudo do
consumo de plantas medicinais na
Região Centro-Norte do Estado
do Rio de Janeiro: aceitação pelos
profissionais de saúde e modo de
uso pela população. **Rev Bras**
Farmacogn n.18, p.308-313,
2008.
- WINTERS, H.M.G.; **Plantas ornamentais**
tóxicas. Holambra, SP: Centro
Paisagístico, 36p. 2000.